

Sânzio de Azevedo

Apesar da consciência de minhas limitações, o que me deveria persuadir do quanto me falta para o homem de letras que almejo ser, confesso que há tempos alimentava o desejo de ocupar uma das Cadeiras desta Academia, onde têm pontificado tantos e tão eminentes vultos de nossa Literatura de ontem e de hoje.

Mas devo confessar, igualmente, que não esperava tal ocorresse tão cedo.

Nasci rodeado de livros: ainda criança, a qualquer momento podia ter nas mãos curiosas um romance de aventuras, um volume de poemas ou mesmo um compêndio de Cosmologia. Poemas e Cosmologia, sim, pois se meu pai, seguidor de Bilac, vivia a ouvir estrelas para cantá-las em verso, meu irmão mais velho, Rubens, seguidor de Leverrier, preferia observá-las ao telescópio, para conferir suas posições nas cartas celestes.

Tive de oscilar, assim, desde cedo, entre a doce subjetividade da poesia e a fria objetividade da ciência.

Por isso, ao mesmo tempo que me deliciava com a contemplação dos monstros antediluvianos que povoavam as páginas da *Viagem à Aurora do Mundo*, de Érico Veríssimo, embalava-me os ouvidos os versos sonoros de Otacílio de Azevedo, o impenitente burilador de sonhos...

Isso, para não lembrar os poemas de Virgílio Brandão ou de Barbosa de Freitas, cantados ou recitados por minha mãe, cujo gosto pela poesia veio de seu pai, obscuro modinheiro sobralense, falecido no início do século.

Vieram com a adolescência os primeiros versos em jornais de Fortaleza. Mais tarde, seguindo a predestinação da raça, emigrei. E lá no Sul, acolhido pela trepidante Paulicéia, cheguei a publicar dois livros, que em nada se parecem: o de estréia falava precisamente daqueles monstros pré-históricos que já me impressionavam em criança. O segundo, era apenas uma coleção dos pouquíssimos poemas que havia composto ao longo de dez anos.

Dir-se-ia serem, estes dois livros, a tese e a antítese. Era mister, portanto, viesse a síntese, para se completar o processo dialético.

Foi então que me voltei inteiramente para o ensaio, que, aliás, já vinha cultivando esporadicamente pelas folhas dos periódicos.

Com muita paciência, e sobretudo teimosia, fui procurando sondar o mistério da arte poética, dissecando a estrutura dos versos ou buscando a razão dos sortilégios verbais, segundo o que aprendera nos estudos de Péricles Eugênio da Silva Ramos, Cavalcânti Proença, Manuel Bandeira e outros mestres da Esticologia no Brasil. Inconscientemente, talvez, procurava no estudo da poesia conciliar as forças aparentemente opostas daquelas primeiras influências recebidas.

Mas seja-me permitido lembrar que, se foi no sul do País que me defini literariamente, sete anos de ausência do Ceará despertaram-me uma espécie de regionalismo que eu desconhecia houvesse em mim. Atirei-me, então, ao estudo e à divulgação dos escritores de nossa terra, incentivado pelo apoio de eminentes mestres, dentre os quais tenho o prazer de citar os nomes de Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro e Fran Martins.

Posteriormente, por inspiração do Prof. Antônio Martins Filho, redigi para a Casa de José de Alencar algumas plaquetas sobre as mais destacadas agremiações da Província.

Assim, enquanto outros, de maior envergadura, alargam o campo de suas pesquisas, restrinjo cada vez mais o meu, num trabalho em que espero sejam levadas em conta mais as modestas interpretações que pretendo fazer dos fatos do que

c esforço arqueológico de desencavar o texto, tarefa que, pelo menos no meu caso particular, tem um valor unicamente subsidiário, e, às vezes, incompleto.

Em suma, bem ou mal —, e sei eu que mais mal do que bem — consegui publicar alguns ensaios dos quais a benevolência da crítica se obstinou em não enxergar os defeitos. Animado por muitos mas, principalmente pelo apoio de Cláudio Martins, tive a coragem de candidatar-me e o prazer imenso de ser eleito para esta Cadeira que ocuparei com o maior orgulho.

Entretanto, repito, não esperava tão cedo chegar a membro desta Academia, razão por que, em meio à felicidade que me banha a alma, reponta-me não sei que sensação estranha. É o medo talvez de não ser merecedor desta láurea. . .

Mas, antes de mais nada, Senhores Acadêmicos, permiti-me agradecer-vos a generosidade com que me acolhestes, fazendo-me um dos vossos. É profundamente comovido que vos agradeço esta honra desvanecedora, mais desvanecedora ainda pelo fato de aqui encontrar, entre outros luminares das letras cearenses, meu pai, Otacílio de Azevedo, meu mestre dos primeiros passos, doravante meu mestre e meu confrade.

Agradeço-vos também haverdes-me permitido tomar posse da Cadeira nº 1, anteriormente ocupada pelo poeta Sidney Neto, e que tem como Patrono o romancista Adolfo Caminha.

Do Patrono, começarei por dizer, sem com isso enunciar nenhuma novidade, que se trata de nome dos mais destacados não somente na história literária do Ceará, mas no panorama das letras nacionais.

Nascido no Aracati, em 29 de maio de 1867, e tendo falecido no Rio de Janeiro, no primeiro dia do ano de 1897, com menos de 30 anos de idade, Adolfo Caminha foi durante sua breve existência o que foi no melhor de sua obra de escritor: um revoltado.

Espírito profundamente inquieto e temperamento extremamente impulsivo, era aluno da Escola Naval, no Rio, quando, na presença do Imperador, não hesitou em fazer a apologia

do regime republicano, por ocasião de uma homenagem póstuma a Vitor Hugo.

Já oficial de Marinha, publica um conto em que faz questão de descrever a desumanidade dos castigos corporais, em voga nos navios de guerra, àquela época. Voltaria ao assunto, com a mesma veemência, num livro de viagem, *No País dos Ianques* (1894) e no romance *Bom-Crioulo* (1895).

Transferido para o Ceará, um escândalo amoroso fê-lo malvisto na pequena Fortaleza da década de oitenta. Intimado a abandonar a Província, por ordem de seus superiores, o que termina abandonando é a carreira das armas, indo ocupar um modesto cargo de funcionário civil na Tesouraria da Fazenda.

Na Capital do País, para onde logo se muda, haveria de publicar *A Normalista* (1893), seu mais famoso romance, onde, como num desabafo, põe à mostra todas as baixezas e podridões da sociedade que o repudiou, chegando mesmo a fazer a caricatura de alguns figurões com os quais se desaviera. Tentaria também vingar-se da corporação a que pertencera, através das páginas do *Bom-Crioulo*, uma triste história de marinheiros, na qual se conta um caso de homossexualismo, e onde, como foi dito, reaparece o tema dos castigos corporais, como se a vida da Marinha fosse apenas esse lado negro, a que seu grande talento empresta cores ainda mais sombrias.

É verdade que nem sempre a virulência de seus ataques é ditada por uma represália: quando Antônio Sales estreou com os seus *Versos Diversos*, em 1890, Caminha, já autor de dois livros, um de novelas e outro de poemas, veio a campo, pela sua *Revista Moderna* e pelos jornais, atacando não somente os versos do poeta, como igualmente o prefácio, de José Carlos Júnior. Vindo este para a imprensa, menos em desforço próprio que em defesa do amigo e afilhado literário, esquentou a contenda, e eis que num dia qualquer de abril de 1891 surge Adolfo Caminho pelas páginas d'*O Estado do Ceará*, desafiando Antônio Sales para "um *tour de force* em prosa cu verso", com juízes, padrinhos, enfim, todos os requisitos exigidos por um autêntico duelo!

Apesar disso, Caminha iria, no ano seguinte, participar dessa originalíssima Padaria Espiritual, criada por obra e graça do mesmo Antônio Sales. Sua atuação no grêmio, porém, não foi das mais destacadas. Segundo a observação de Leonardo Mota, ele “teimou em se revelar um *padeiro* pouquíssimo animado de boa vontade para com a Padaria Espiritual”. Mais tarde atacaria o grêmio, quando de sua reorganização, daí advindo, provavelmente, o fato de ser expulso de suas fileiras.

Publicando no Rio as *Cartas Literárias* (1895), livro de crítica, o autor d’A *Normalista* não vacilou em reproduzir ali o mesmo ensaio com que atacara o livro de Antônio Sales, pela *Revista Moderna*. Sales, pelas colunas d’O *Pão*, ressaltou a falta de vocação de Caminha para a crítica literária, concluindo: “Caminha é arroubado, birrento, rancoroso, e não é dessa massa que se fazem os críticos dignos de tal nome.”

É que ele vivia rompendo com tudo e com todos. E não é à toa que mesmo seu derradeiro livro, *Tentação* (1897), expõe ao ridículo certo Valdevino Manhães, que outro não é senão Valentim Magalhães, o “papa” das letras do Rio nos fins do século passado. . .

Talvez a aura de antipatia criada pelos seus arroubos iconoclastas haja contribuído para o silêncio que se fez em torno de seu nome, por largo espaço de tempo. Sabóia Ribeiro, estudioso da vida e da obra do romancista, atribui o fato à extinção da editora Domingos de Magalhães, que havia lançado seus principais livros. O certo é que, além de um ensaio de Frota Pessoa, em 1902, pouco se escreveu sobre ele, até que em 1933 Agripino Grieco sugeriu a reedição de seus romances. Anos depois, já em 1941, Valdemar Cavalcânti, no ensaio intitulado *O Enjeitado Adolfo Caminha*, ainda afirmava que a figura do escritor se estava acinzentando cada vez mais.

Tudo isso levou Braga Montenegro, mais tarde, a observar, falando de Caminha: “Dele pode-se dizer que a vida lhe negou tudo.” E alude o crítico à injustiça de lhe haver sido por vezes negado até mesmo “o talento de ficcionista, a imen-

sa aptidão de escritor que a morte não permitiu amadurecesse”.

Nem deve ser esquecido o fato de os seus romances capitais, *A Normalista* e *Bom-Crioulo*, haverem sido por tantos anos criminosamente deturpados, em edições destituídas do menor critério ético ou estético, e visando unicamente ao êxito comercial por motivos óbvios.

Salvem-se, além das edições *princeps*, hoje inacessíveis, a terceira do *Bom-Crioulo*, organizada pelo Prof. Gama Kury, e a mais recente d'*A Normalista*, cuidadosamente revista e anotada por Sabóia Ribeiro.

Somente nos dias de hoje se começa a citar o escritor cearense entre os grandes vultos do Naturalismo brasileiro. E tal é a repercussão de seu nome que o ensaísta norte-americano Walter Toop, depois de estudar-lhe exaustivamente quase toda a obra, anuncia uma edição crítica de seus contos, empreendimento digno do nosso aplauso e de nossa gratidão.

Não é necessário lembrar que Adolfo Caminha, com seu temperamento combativo, e, ainda por cima, recalçando tantas mágoas, encontrou na corrente naturalista o ambiente mais propício à expansão de seu talento.

Romântico ainda nos primeiros livros, os *Vãos Incertos*, de poemas (1886), e *Judite e Lágrimas de um Crente* (1887), de novelas, estes trabalhos de estréia apenas revelariam uma vocação literária, consoante a observação de Josué Montello. Somente na escola de Zola iria ele alcançar o nível a que chegou com *A Normalista* e, mais ainda, com o *Bom-Crioulo*. Este último, tão verberado pela crítica do tempo em que surgiu, é, entretanto, um dos mais bem acabados romances da corrente no Brasil. Mesmo Lúcia Miguel Pereira, que lhe condenara “a ausência de poesia”, não temeu colocá-lo ao lado d'*O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, como “o ponto alto do naturalismo” entre nós.

Coerente com a escola, era Caminha fanático pela verdade. Num capítulo das *Cartas Literárias*, em que se defende de acusações feitas ao seu primeiro romance, através da revista de Valentim Magalhães, diz ele: “Entende a *Semana*, do

Sr. Valentim, que o assunto deste romance é uma *ficelle* já gasta. Mas que é a vida senão uma reprodução contínua e eterna de fatos?”

Adiante, fazendo questão de se proclamar fiel à escola dos que pugnam pelo verídico, afirma: “Porque o simbolismo está em moda em alguns países da Europa, não segue-se que seja a única escola verdadeira. Se a questão é de escolas, então devemos reconhecer que o naturalismo, isto é, a escola da verdade, continua na sua marcha triunfal, levantando estátuas a Balzac, a Stendhal, a Flaubert, aos Goncourt, a Zola, a Daudet, a Maupassant... Imorais ou não o século os admira.”

Numa página hoje quase desconhecida, a “Carta” que serve de prefácio às *Estrofes*, de F. Alves Lima, aqui publicadas em 1891, depois de declarar sua convicção na perenidade da poesia, afirma, a certa altura: “Quando ousar dizer que a poesia não desaparecerá, eu me reporto à poesia, tal qual a compreendo — a sã poesia, a poesia máscula, sincera, profunda e humana.

“Antes de tudo e para ser sincera, ela deve ser a expressão em verso da verdade filosófica ou científica.

“A verdade é tudo na Arte como na Ciência” — concluiu.

Por tudo o que aí ficou dito é que não acreditamos haja sido *A Normalista* inspirada pelo romance *A Afilhada*, de Oliveira Paiva, como há quem pense. Adolfo Caminha, tão amante da verdade, tão cioso de sua missão de escritor naturalista, jamais iria beber noutro ficcionista o enredo de um romance: preferiria tirá-lo da própria vida, ele que só admitia a obra de arte feita *d'après nature*, como ensinava Zola. Ademais, basta um confronto entre os dois romances para se concluir pela fragilidade dos pontos de contato entre ambos, em flagrante contraste com as divergências, que são radicais.

Quanto ao *Bom-Crioulo*, embora retrate exclusivamente o lado negro, a face negativa da vida de bordo, o que é, aliás, uma característica do próprio Naturalismo, é evidente que se nutriu da observação direta de quem, como sabemos, viveu os dramas do homem do mar.

Escusado é dizer que de nada valeria todo esse apego à verdade se Adolfo Caminha não fosse — como foi — um extraordinário ficcionista; se não soubesse — como soube — recriar admiravelmente esse mundo quase sempre sombrio e triste que constitui a matéria-prima de sua obra imperecível.

Mas se Adolfo Caminha, apesar de certa vez haver-se confessado inimigo de escolas literárias, pode ser hoje seguramente encaixado numa corrente estética, a dos naturalistas, o mesmo não acontece com o poeta a quem tenho a honra de suceder na Cadeira nº 1 desta Academia.

Falo-vos do poeta Sidney Neto.

Lendo os versos estranhos de seu primeiro livro, *A Noite Coroada de Rosas e de Mirtos (1921)*, julgamos estar, a começar pelo título, diante de um simbolista. Esse poema, dedicado a Adonias Lima e ao *espírito imortal* de Mário da Silveira, inicia-se com estas estrofes, vazadas em alexandrinos, entremeados de hexassílabos:

*Sob o casto esplendor do manto lutuoso,
Todo cheio de sóis, no infinito a fulgir,
Eu contemplo, de pé, louco de orgulho e gozo,
Como um rei vitorioso,
O teu reino de Ofir!*

*E mudo, a contemplar teu zimbório sidéreo,
Uma angústia infinita, em meu mundo interior,
Ao contato febril do teu perfume etéreo,
Logo vem recordar, morto, no cemitério,
O meu primeiro amor!*

Tortura-se o poeta, à visão do passado extinto, e pergunta por que não se extinguem para sempre essas recordações:

*E em êxtase, sondando o teu imenso estelário,
Triste interrogado ansioso a esses mundos do além,
O caminho do Ideal, no meu mudo cenário,
E novo Cristo nu, arrasto ao meu Calvário
Pesada, imensa Cruz, não responde ninguém! . . .*

*E nisto, à proporção que aos meus olhos ascende
Mais no côncavo eterno o seu manto sem fim,
Parece até, meu Deus, que a minha dor compreende
E linda e piedosa estende
O Escorpião de ouro e fogo sobre mim! . . .*

Por sinestesia, ouve o poeta a música dos astros:

*Na alma roxa da noite há uma ressurreição.
É Mozart! É Chopin! Verdi! É Wagner! Beethoven*

Hermetiza-se mais o poema, como num sonho de louco:

*E aparece a dançar em seus véus, ofegante,
A trágica princesa, a cabeça do amante
Aos beijos, Salomé! . . .*

Cada vez mais o poeta se extasia diante do prestígio nocturno, e volta a dirigir-se à noite:

*Noite! Musa pagã dos artistas perfeitos!
Origem
Dos mártires da idéia! Os teus poetas eleitos
Vão em marcha triunfante aos seus últimos leitões,
Sentindo a sensação da suprema vertigem! . . .*

Como os habitantes daquela Cidade da Ironia e da Beleza, de que nos falam os versos de Raul de Leoni, o poeta lê Platão no brilho das estrelas:

*Quando eu sinto Platão no brilho dos teus astros,
No sereno esplendor de uma constelação
(Ó alma vertiginosa, onde as velas e os mastros
Da nau desarvorada?!), anda tudo de rastros,
Ninguém sente Platão! . . .*

Só no império celeste, para ele, existe “a doutrina perfeita”. Entretanto, acorda, como o atesta a derradeira estrofe:

*Mas o sono passou... De áureo brilho fulgente,
A estrela da manhã com o seu diadema a arder,
Flor de chama que um dia os Magos do Oriente
Embalou através do deserto dormente...
Era a última flor do céu a florescer!...*

Este poema, de acentuado cunho simbolista, nunca foi renegado pelo poeta. Ao contrário, seria reproduzido, mais de 45 anos depois, na *Revista da Academia Cearense de Letras* nº 34, de 1965.

Mas veio o Modernismo que, explodindo em São Paulo, com a Semana de 22, iria espalhar-se, um tanto vagarosamente, por todos os recantos do País. No Ceará, depois dos versos precursores de Mário da Silveira, o livro inaugural da nova corrente foi *O Canto Novo da Raça*, publicado em 1927, e do qual eram autores nada menos de quatro poetas: Jáder de Carvalho, Franklin Nascimento, Mozart Firmeza e Sidney Neto.

Nesse livro, Sidney abandona o parnasiano-simbolismo e se derrama em versos ora curtos ora longos, criando seu próprio ritmo, consoante a exortação de Ronald de Carvalho, a quem, por sinal, é dedicado todo o livro.

Numa das três produções com que figura nessa coletânea, fala de seu sofrimento em face dos destinos da Pátria:

*Sim! quantas são as minhas grandes horas de medi-
[tação e de recolhimento,
cheias de ânsias e incertezas e dúvidas absolutas!*

Mas logo exclama, cheio de entusiasmo e confiança:

*Pátria!
os teus últimos guerreiros,
— os que marcham fitando o sol,
sem ódios, sem rancores absurdos,*

*cheios da flama sagrada,
repletos de entusiasmo e convicção cívica,
— guerreiros do amor puro e da glória perfeita,
vencerão!*

Por fim, encerra o poema com esta confissão arrebatada:

Pátria! és a única mulher por quem posso morrer!...

Note-se que, apesar de praticar o versilibrismo, Sidney Neto não se despoja de sua dicção solene, de suas notas um tanto clássicas, o que vem corroborar o que aventamos a respeito de sua independência em face das correntes literárias. Jamais foi um ortodoxo, em qualquer das tendências que abraçou ao longo de sua trajetória poética.

É assim que, enquanto seus companheiros timbravam em versar os temas de maior atualidade, como Franklin Nascimento focalizando a dança do maxixe ou do charleston; Jáder de Carvalho, pintando a figura da melindrosa ultrachique, de cabelos “à Rodolfo”; ou Mozart Firmeza, fazendo em pouquíssimas sílabas o *flash* de uma chuva, tão ao gosto futurista, Sidney Neto, bem menos modernista, preferia cantar o amor, em versos de um lirismo quase romântico, assim como estes, que encerram um poema do mesmo livro:

*Penso mesmo que te amo... e muito!...
Perto do lago havia um laranjal em flor,
e, quando eu te mirava lá no fundo veludoso das águas,
bem juntinha de mim,
um vento muito brando, muito amigo,
começou com os seus setinosos dedos invisíveis
amorosamente,
cariciosamente,
começou a coroar as nossas cabeças sonhadoras
com a neve rutilante do laranjal!*

Mais tarde irá elevar-se nos versos de fogo dos *Poemas Heróicos*, enfeixados em livro em 1951, mas datando muito de antes de 1930. Para falar d'“O Solar dos Heróis”, onde nasceram Juarez, Fernando e Joaquim Távora, ele diz:

*Cearenses, vocês querem ver
de bem perto um grande poema?
É tão fácil!
Cavalguem, como eu,
num dia de fogo vivo,
meu alazão dourado,
os quatro pés calçados,
estrela branca à testa,
sinal encoberto,
galopando no meio dos turvos redemoinhos,
rasgando,
verrumando
o céu azul muito sereno,
sobre um pedregulho em brasas acesas,
ladeando árvores incendiadas pelo sol em chama,
de Orós a Jaguaribe!*

*Arapongas, nos capões dos cerros, ao longe,
batem bigornas, aperfeiçoando espadas guerreiras!
Nuvens de pombais em bando
passam tatalando as grandes asas
de bronze dos heróis!*

Lendo versos assim é que ocorreu a Artur Eduardo Benevides dizer que Sidney Neto “era um bardo, no sentido em que os latinos entendiam essa figura singular — *bardus* — dos poetas celtas encarregados de exaltar o valor dos heróis e a glória dos deuses”.

Sidney era sem dúvida um espírito aberto às inovações. A espontaneidade com que versejava, fez com que sua adesão ao Modernismo não fosse completa do ponto de vista formal, nem definitiva do ponto de vista temporal. À maneira

de Guilherme de Almeida, o mestre, Sidney Neto foi aos poucos voltando às antigas formas, e no livro *Baladas, Sonetos e Trovas* (1937) vemo-lo cantar, em octossílabos clássicos, versos deste teor:

*Nem Pierrot, nem Colombina,
Nem Arlequim fascinador!
O único ideal que me domina,
É o velho ideal do antigo amor!
A mão de pluma, leal, franzina,
Que eu muito quero e que me quer!
Ela é tão clara, ela é tão fina!
Que linda a mão dessa mulher!*

Além dos livros citados, publicou os *Poemas Heróicos*, 1ª série (1935); *Poemas Indianistas do Brasil Virgem* (1940); *Sob o Meigo e Trágico Luar de Verona* (1940); *Altar* (1947); *Criança Amor* (1956); *Paisagens Brasileiras* (1957) e *Oração da Hora Última* (1959). Deixou inédita uma coleção de poemas a que dera o título de *Cântico Absoluto*.

Alternou durante algum tempo o verso livre com os alexandrinos e decassílabos clássicos. Mas, conforme dissemos, terminou por fixar-se numa espécie de simbolismo constelado de tons levemente parnasianos.

Otacílio Colares, estudando-lhe a poesia, observa que ela surgiu em pleno fastígio do parnasianismo no Ceará; mas não esquece a influência simbolista, lembrando que “a mocidade de Sidney deve ter sido tentada pela mensagem altamente emocional do movimento, que aqui já tivera uma espécie de precursor na figura do poeta Lívio Barreto, autor das sentidas poesias de *Dolentes*”.

Junte-se a isso a contribuição modernista, e o resultado é — como de fato foi — esse poeta singular, que não se constringe no âmbito de nenhuma forma literária.

Esquecido pela maioria de nossas coletâneas, deixou ele entretanto um soneto que bem merece a qualificação de *antológico*: “Fortaleza”:

*Quando a manhã em chamas toda acesa
Abre a corola ao sol como uma flor,
Enorme — azul e oiro — Fortaleza
Desperta para a vida — que esplendor!*

*E um cântico de glória à áurea princesa
Vibra dos altos céus, deslumbrador.
É uma oferta da luz para a Beleza,
Um delírio de aroma para o amor.*

*Trabalha e canta o dia todo. A tarde,
Quando o sol, no horizonte, em brasas arde,
Espera a paz da Noite. E ao rosicler,*

*Vai ficando mais bela para o sono,
Nessa atitude mansa de abandono,
Num sedutor sorriso de mulher!*

Fato curioso: Sidney Neto, cuja obra raramente tem sido analisada pelos críticos, serviu no entanto de tema a vários poetas: carinhosamente colorido pelo humorismo de uns, gravemente exaltado pela eloqüência de outros, vive ainda o vate nos versos de um Sobreira Filho, de um Edigar de Alencar, de um Otacílio de Azevedo e de um Artur Eduardo Benevides.

Nada mais justo, portanto, neste momento em que fazemos o elogio póstumo do poeta, do que apresentarmos um poema inédito de Francisco Carvalho, o "Soneto Para Celebrar um Velho Bardo", composto à memória de Sidney Neto:

*Cessou teu coração de velho bardo.
A malha do mistério te envolveu.
Bebeste o sumo do sabor amargo
desse licor que embebedou Orfeu.*

*Um pássaro de treva fez seu ninho
na copa dos teus olhos. Vai haver
quem se lembre do gosto desse vinho
cujas bagas não cessas de espremer.*

*O espadachim das doze badaladas
só quer dormir, sonhar a vida inteira.
Canto de seiva às coisas soterradas,*

*surde no espaço a face derradeira.
Face que é foice e ceifa as madrugadas
e ceifa em nós a linfa prisioneira.*

Nascido no dia 16 de setembro de 1893, faleceu José Vicente Sidney Neto no último dia do ano de 1972, aos 79 anos de idade.

Com a sua morte, desapareceu talvez o nosso derradeiro poeta boêmio, remanescente retardatário de um passado em que os vates eram os mensageiros dos deuses, pisando a mesma lama onde vivem os homens comuns, mas com o pensamento voltado para os céus, e a fronte coroada de estrelas...

Escritor Fran Martins:

Depois de ter espalhado tantos vocábulos na tentativa de falar de mim mesmo, e de exaltar as figuras de Adolfo Caminha e de Sidney Neto, eis-me aqui, agora, hesitante, sem lograr sequer dar uma pálida idéia de minha profunda gratidão por me haverdes recebido nesta Casa.

Partidas de um intelectual da vossa estatura, ainda mais me emocionam vossas palavras consagradoras, posto que excessivamente generosas.

Mas se elas não correspondem aos meus pouquíssimos méritos, atestam, por outro lado, a grandeza do vosso coração.

Recebo-as, agradecido, não porém sem a solene promessa de tudo fazer para poder merecê-las um dia.

Muito obrigado.